

A FILOSOFIA DO ESPIRITO DE FRIEDRICH VON SCHELLING NA PERSPECTIVA ERGOLÓGICA DE YVES SCHWARTZ.

GILSON HARTWIG JUNIOR¹;

DANTE DINIZ BESSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – gilsonhartwigjunior@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ddbessah@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo apresentamos uma tentativa de aproximação entre o sistema de liberdade do filósofo alemão Friedrich Von Schelling (1775-1854) da perspectiva ergológica do filósofo contemporâneo Yves Schwartz, com o objetivo de problematizar a concepção de atividade do último.

A relação entre Schelling e a ergologia se colocou, para nós, no contexto do projeto de pesquisa “Concepções de educação, atividade de trabalho e gestão da escola”, onde visamos criar uma metodologia de gestão pedagógica a partir da identificação e análise de concepções de educação produzidas por profissionais no seu trabalhar cotidiano. Trata-se, portanto, de uma investigação filosófica da educação no trabalho escolar.

Nesse sentido, nosso objetivo é introduzir o conceito de espírito cunhado por Schelling (1993) na concepção de atividade de trabalho de Schwartz (2010), para que possamos ter outras possibilidades de abordagem da atividade de trabalho no projeto.

2. METODOLOGIA

Por meio de pesquisa bibliográfica, fizemos a leitura de textos-chave de Schelling e de Schwartz, na qual procuramos identificar, destacar e avaliar as convergências entre A filosofia da liberdade de Schelling(1993) e a antropologia da atividade de Schwartz (2010), bem como as possíveis aplicações práticas dos conceitos apresentados por Schelling na perspectiva ergológica, de modo analisar informações obtidas por meio de observação, de entrevistas narrativas individuais, da técnica de instrução à estagiária e dos diálogos no grupo de encontro sobre trabalho e educação na escola, que constituem os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dado que nenhum conceito pode ser determinado isoladamente e dado que somente a demonstração da sua conexão com o todo lhe dá a derradeira perfeição científica (o que deve ser o caso, especialmente, do conceito de liberdade, o qual se tem, em geral, realidade, não pode ser um conceito subordinado ou acessório, mas um dos pontos centrais e dominantes do sistema), assim, ambas as partes da investigação coincidem aqui, como



em qualquer outro caso, numa só (SCHELLING, 1993, p. 31).

Na obra de Schelling (1993) destacamos a importância de compreender sua visão da liberdade, relacionada a conceitos como ipseidade ou espírito, bem e mal e atividade, e a perspectiva que a liberdade, em qualquer sistema filosófico, deve ser tratada como algo central em qualquer sistema. Ressaltamos, contudo, que o viés cientificista desse autor não pode ser associado ao nosso conceito de ciência contemporânea, pois a filosofia, no início do século XIX, era tida como uma ciência e, portanto, possuía necessidade de ser científica.

Na concepção de Schelling (1993) a liberdade é a faculdade de escolhermos entre o bem e o mal, criticando, assim, o posicionamento idealista que, segundo ele, por um lado, “fornece apenas o conceito mais universal de liberdade, por outro, o mero conceito formal. Mas o conceito real e vivo é ela ser uma faculdade do bem e do mal” (SCHELLING, 1993, p 55).

Porém, é preciso explicar o que é o bem e o mal para o autor. Para isso é necessário que entendamos, para Schelling ser (humano) nada mais é do que um princípio de dualidade entre o fundo originário e a existência que correspondem, respectivamente, com a concepção de atividade inconsciente e consciente, ou, também luz e obscuridade. Como ele afirma:

Todo o nascimento é nascimento da escuridão para a luz; o grão deve desaparecer na terra e morrer na escuridão para que a uma mais bela figura luminosa se erga e se manifeste à luz do Sol. O homem é formado no útero materno; e é somente da escuridão daquilo que não tem entendimento (do sentimento de nostalgia, essa matriz soberana do conhecimento) que desperta o pensamento luminoso (SCHELLING, 1993, p 65).

Para SCHELLING (1809), o princípio da obscuridade (fundo) é a concepção que subjaz no ser. É a partir dela que surge a luz, como podemos ver em suas próprias palavras:

O entendimento, em sentido próprio, nasceu daquilo que está privado de entendimento. Sem esta obscuridade prévia não há qualquer realidade da criatura; as trevas são a parte que necessariamente lhe cabe (SCHELLING, 1993, p. 64).

Ora, essa dualidade, que podemos dizer é a dualidade entre inconsciente e consciente, forma o ser (humano) e o resultado dessa síntese é o espírito ou ipseidade que, “enquanto tal é espírito ou, dito de outra forma, o homem é espírito como um ser centrado em si mesmo (selbstliches), particular (distinto de deus), cuja unificação constitui, precisamente, a personalidade” (SCHELLING, 1993, p 70).

A origem no mal se manifesta no homem quando há uma ruptura dessa síntese do espírito, que vai contra a vontade universal ou ordem moral, que subjaz na natureza, se transforma, inversamente, em vontade particular, onde o fundo busca inverter a relação entre os princípios luz e obscuridade.



Portanto o mal, na atividade, é o espírito exagerada, o egoísmo e a vaidade que é devida a essa desordem ocasionada pelo fundo, a saber: “O mal não resulta da finitude em si mesma, mas da finitude elevada ao ser-si-mesmo” (SCHELLING, 1993, p 77).

A concepção de Schwartz (2010) acerca da liberdade e da atividade coaduna com a concepção de liberdade e de atividade em Schelling (1993), pois ambos os autores trabalham com o pressuposto do consciente e do inconsciente. Para Schwartz,

Mas a partir do momento em que vocês sabem a distância do prescrito e o realizado é universal, que existe, portanto, no trabalho, outras razões que entram em jogo além das razões dos organizadores, isso quer dizer que a pessoa faz escolhas! Ela faz escolhas conscientes e inconscientes, como eu dizia ainda agora, mas ela faz escolhas (SCHWARTZ, 2010, p. 45).

Para o pensador francês, fazer escolhas coloca o problema do uso de si (por si mesmo ou pelos outros) ou da liberdade que, para nós significa um arriscar no trabalho, tendo em vista que as prescrições ou normas que antecedem a atividade no trabalho, elaboradas para orientar seres humanos no trabalho, geralmente, não condizem com a realidade daquele momento.

Neste sentido, o arriscar nada mais é do que suprir um “vazio de normas”, devido à falta de orientação, de conselhos que levam os trabalhadores a renormalizar a atividade tendo em vista a diferença entre a realidade (as condições de trabalho) e o que lhes é prescrito a fazer. Segundo Schwartz, “antecipamos soluções possíveis sabendo efetivamente que há o risco de falhar, de criar dificuldades novas, de desagradar [...] e ao mesmo tempo escolhe-se a si mesmo” (SCHWARTZ, 2010, p.191).

Entendemos a escolha de si mesmo como espírito em Schelling e a concepção de mal na atividade justamente a possibilidade de cometermos erros.

Do ponto de vista prático, ao aplicarmos esses conceitos na análise dos conteúdos das entrevistas, notamos, por exemplo, a preocupação com o espaço democrático na escola, como salienta a postura da diretora X, pois mesmo nos conflitos em que ela deve tomar partido, sempre busca o diálogo. Sempre busca ouvir os demais pontos de vista antes de tomar alguma atitude.

Isso, certamente, faz parte de um espírito equilibrado que, por sua vez, faz parte da ordem política e moral que rege o ambiente escolar por decisão e escolha da comunidade: uma ordem de diálogo e democracia.

Sob esse aspecto, podemos identificar o uso de si por si mesma da diretora de forma equilibrada e correta, pois sua postura possibilita aos alunos e aos profissionais, em sua atividade, poderem expressar os seus pontos de vista. É assim que ela fala:

...então sou muito também de se chegar tu vai aprendendo ao longo do tempo, assim na própria gestão “o fulano fez isso, isso e isso” ok, tá, não, vou chamar ele, vou ver o lado dele, não adianta eu só eu escutar o teu lado e tomar uma decisão a partir do teu lado, eu tenho



que escutar o lado do outro, sem eu escutar o lado do outro eu não vou tomar nenhuma decisão (Diretora X).

A escola em que realizamos a pesquisa, como se situa na periferia, atende alunos vulneráveis tanto do ponto de vista social como cultural e emocional. Diante desta realidade, as prescrições da atividade no trabalho dos profissionais acabam por forçar situações rotineiras de improviso e de criação nas quais os professores acabam por transgredir normas e, conseqüentemente, vivenciam, como enfatiza Schwartz (2010), os dramas da atividade (necessidade de fazer escolhas) ou, como Schelling (1993), a possibilidade do erro que entendemos como o mal e que pode surgir na atividade.

O mal, assim, não é um julgamento moral, mas a possibilidade que temos de entender a nós mesmos, ao que o filósofo alemão se refere ao caráter positivo do mal. Tendo em vista que o mal é a base para que o bem exista, o mal é positivo no sentido de que ele, de fato, existe e, portanto, é o que possibilita o bem, a saber:

...a proposição: << o bem é o mal>>, que quer apenas dizer que o mal não tem o poder de existir por si mesmo e o que há nele de existente é o bem (considerado em e por si mesmo), é interpretada de modo a que a eterna distinção entre o que está bem e o que está mal, entre valor e o vício, é ignorada, como se ambos fossem logicamente o mesmo (SCHELLING, 1993, p 42).

Eles não são ambos os mesmos, porém possuem uma identidade originária no mesmo princípio de luz e escuridão que se encontra no ser e que já foi explicitado.

4. CONCLUSÕES

Estando o projeto em andamento, o que fizemos aqui, ao aproximar a filosofia de Schelling e as concepções ergológicas de Schwartz foi dar um passo a mais para evidenciarmos as novidades da pesquisa que realizamos, no sentido de que identifica a potência criativa de um ser humano em atividade de trabalho concreta.

No caso, a criação de concepções de educação pela necessidade de realizar o trabalho prescrito em condições que não permitem e, assim, improvisar ações nas quais produzem concepções de educação novas e alternativas para a formação dos alunos em um ambiente democrático.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. Trabalho e Ergologia. 2^a ed. EDUFF- Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

SCHELLING, F.W.J. Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana. Lisboa – Portugal. Editora, edições 70, LDA Janeiro 1993.